SAÚDE DO PROFESSOR E AMBIENTE ESCOLAR

Susana Pimentel Pinto Giannini – PUC-SP
Leslie Piccolotto Ferreira – PUC-SP

Resumo

Há vários anos, um grupo de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo realiza pesquisas com profissionais que utilizam a voz intensamente em suas atividades de trabalho e, entre esses, os professores têm especial atenção. A maior pesquisa realizada teve por ***objetivo*** delinear as condições de produção vocal dos professores da Prefeitura do Município de São Paulo, identificando os aspectos físicos e de organização do ambiente escolar associados às alterações da voz. ***Método*** Foi aplicado um questionário 422 professores de escolas infantis e fundamentais com questões referentes aos aspectos de ambiente de trabalho e saúde geral e vocal. ***Resultados*** Entre os aspectos do ambiente, foram associações estatisticamente significantes para alteração vocal ser a temperatura ambiente muito fria ou muito quente, o tamanho da sala impróprio para a quantidade de alunos, a necessidade de realizar esforço físico intenso e de carregar peso com freqüência e a utilização de produtos químicos irritativos na limpeza da escola. Entre as variáveis referentes aos aspectos de organização do trabalho, foram significantes considerar o ritmo de trabalho estressante, falta de local para descanso, não ter facilidade para ausentar-se da sala de aula em caso de necessidade, necessidade de complementar ou preparar atividades fora da escola considerar o trabalho repetitivo. ***Discussão*** Os resultados indicam que adoecimento vocal não está associado diretamente à exposição aos aspectos físico, químico, biológico ou antropométrico do local de trabalho, mas sim, àqueles referentes à organização do trabalho que abrange questões relacionadas às relações interpessoais. As condições precárias do ambiente de trabalho provocam tensões no relacionamento interpessoal e envolvem subordinação a uma condição que pode impedir a expressão, estabelecendo um paradoxo entre o conformismo e a resistência. ***Conclusão*** As respostas dos professores revelam que a docência exige uso intenso da voz, além de esforço físico e

mental, ao lidarem com muitas crianças em ambientes precários e impróprios. Entretanto, mais do que os aspectos do ambiente físico, são os aspectos de organização de trabalho que se revelam associação estatisticamente significante ao desenvolvimento da alteração vocal. Há necessidade de que os profissionais de saúde acolham essas manifestações não apenas em seus aspectos biológicos, mas como resultado da interação entre o educador, o ambiente escolar e suas condições de trabalho.

Palavras –chave: Docentes, Distúrbios da voz, Ambiente de trabalho, Organização de trabalho.

Introdução

A cada dia aumenta o número de trabalhadores que utilizam a voz intensamente em suas atividades laborais e, em decorrência, desenvolvem alterações vocais. O adoecimento vocal comunica que há sofrimento para executar aquela função e o olhar dos profissionais que os recebem para perícia ou tratamento deve deslocar-se da clínica para o campo das doenças do trabalho para compreender o sentido deste adoecimento peculiar ao trabalho exercido.

Há vários anos, o Laboratório de Estudos da Voz da PUC-SP - Laborvox, organiza Seminários de Voz com a presença de profissionais da área e o propósito de debater aspectos referentes ao uso profissional da voz. Neste contexto, o professor tem lugar privilegiado, uma vez que é o trabalhador que mais procura a fonoaudiologia com queixa de distúrbios vocais. Estudos comparativos entre docentes e diferentes profissionais que procuram atendimento em decorrência de alterações vocais revelam número quatro vezes maior de professores do que outros profissionais (Vilkman, 2004).

As alterações da voz em professores têm sido objeto crescente de investigação no sentido de identificar aspectos biológicos, ambientais e organizacionais associados, visando a minimizar os impactos físicos, sociais e psíquicos decorrentes desses transtornos (Simões, 2004).

O fato de que os professores constituem categoria profissional propensa ao desenvolvimento de alterações vocais devido ao excesso de uso da voz e ao ambiente físico desfavorável ao seu trabalho é largamente apontado na literatura nacional (Viola, *et al.*, 2000; Simões e Latorre, 2002) e internacional (Oyarzún *et al,* 1984; Bruneto, 1986; Garcia, Torres e Shasat, 1986; Callas, 1989; Sarfati, 1989; Masuda *et al,* 1993).

Os autores destacam, no entanto, que esses profissionais acreditam que o abuso vocal faz parte de seu trabalho e raramente procuram tratamento aos primeiros sintomas vocais. Smith *et al* (1997) referem que os 60% professores pesquisados apresentam voz alterada, o que aponta alto risco para desenvolvimento de distúrbio vocal de ordem ocupacional. Roy *et al* (2004) aponta que a prevalência de alteração vocal em docentes em algum momento da atividade profissional é o dobro (57,7%) do que na população em geral (28,8%).

Os educadores dependem essencialmente do uso da voz para exercer sua função e a impossibilidade de produzir voz com qualidade gera uma série de restrições, acarretando efeitos adversos à saúde e ao trabalho e colocando em risco a carreira e a sobrevivência do trabalhador (Rodrigues, Azevedo e Behlau, 1996). As causas são variadas e incluem desde as condições básicas de trabalho, aspectos sociais, individuais e organizacionais presentes na situação de ensino e no contexto da cultura da escola, até aqueles mais relacionados diretamente à saúde física do professor (Dragone, 2001).

A relação entre as condições ambientais inadequadas das escolas e o sintoma vocal do professor é citada por diversos autores, com destaque para os aspectos ambientais como presença de poeira decorrente do uso de giz (Oliveira, 1999; Simões, Latorre e Bitar, 2000), referentes à limpeza, iluminação, poeira, tamanho da sala (Servilha, 1997), e ruído (Thomé-de-Souza e Ferreira, 2000). O ruído ambiental, além de causar danos vocais e psíquicos nos professores, também atrapalha o processo de aprendizagem dos alunos (Pereira, Santos e Viola, 2000).

Pesquisa realizada com professores da rede municipal de São Paulo (Ferreira *et al*, 2003) revela que 60% dos educadores referem presença de disfonia e apontam fatores ambientais físicos, químicos, ergonômicos e organizacionais, como contribuintes para a ocorrência destas alterações. Indagados sobre a saúde em geral, há uma média de quatro queixas por entrevistado, além de referências à ansiedade, depressão, alterações do sono. Em relação aos aspectos de saúde, são vários os sintomas apontados por quem tem ou teve alteração vocal: alergias, dores no corpo, problemas de coluna, gastrite, doenças das vias respiratórias, resfriados constantes, dores de cabeça, azia e alterações de audição, como incômodo a sons ou ruídos, zumbido, tontura ou vertigem. Essa extensa lista de sintomas é um alerta para as condições de trabalho nas escolas e para a necessidade de ações que evitem o desenvolvimento de transtornos físicos e mentais entre os educadores.

Frente a esses dados, nossos estudos têm sido voltados para a identificação dos fatores ambientais e organizacionais associados à disfonia do professor, buscando delinear as condições que favorecem o desenvolvimento de tais alterações vocais e embasar a elaboração de estratégias de promoção de saúde do professor e demais trabalhadores que utilizem intensamente a voz em suas atividades profissionais. No presente estudo, o ***objetivo*** é delinear as condições de produção vocal dos professores da Prefeitura do Município de São Paulo, identificando os aspectos físicos e de organização do ambiente escolar associados às alterações da voz.

Método

O estudo foi realizado com professores da rede municipal de ensino de São Paulo. Para o cálculo do tamanho da amostra foi assumida prevalência de distúrbios vocais de 60% entre os professores, erro de 5% e intervalo de confiança de 95%. Sendo assim, seriam necessários 365 professores, acrescentando-se 10% de forma a compensar eventuais perdas. Do total de 31.825 professores, distribuídos em 30 distritos, foram sorteadas as escolas que fariam parte desta pesquisa e estabelecido o número de 15 professores por escola, totalizando 450 sujeitos. Desses, 28

não completaram o questionário ou faltaram no dia da entrevista. Desta forma, a amostra final consistiu de 422 professores.

Foi feito contato com os professores sorteados que, ao aceitarem participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Nesse momento foi entregue um questionário com questões referentes a dados sócio-demográficos; auto-identificação de presença, no presente ou passado, de alteração de voz, e em caso afirmativo, especificação do sintoma vocal; e referência do ambiente físico e da organização do trabalho escolar. Os sujeitos podiam apontar mais de um sintoma (por meio da pergunta "Quais sensações relacionadas à garganta e à voz você tem atualmente?") e os mais indicados foram a presença de garganta seca, cansaço ao falar e rouquidão (sim=1, não=0). As variáveis independentes foram compostas de características demográficas (sexo e idade), ocupacionais (tempo de professor, tipo de escola e vínculo na escola) e aspectos relacionados ao ambiente escolar físico e organizacional (Seu ambiente de trabalho é calmo? Você tem bom relacionamento com seus colegas? Com a direção da escola? Com os alunos? Com os pais dos alunos? Você tem liberdade para planejar e desenvolver as atividades? Há supervisão constante? O ritmo de trabalho é estressante? Você tem tempo para desenvolver todas suas atividades na escola? Existe local adequado para descanso dos professores na escola? Em caso de necessidade, você tem facilidade para se ausentar da sala? A escola é ruidosa? Se o local é ruidoso, o barulho vem de onde? O ruído observado é forte? É desagradável? A acústica da sala é satisfatória? A sala tem eco? Há poeira no local? Há fumaça no local? Há umidade no local? A temperatura da escola é agradável? O tamanho da sala é adequado ao número de alunos? Os móveis (lousa, mesa) são adequados à sua estatura? Você realiza esforço físico intenso? Você carrega peso com freqüência? O local tem iluminação adequada? A limpeza da escola é satisfatória? Há condição de higiene adequada nos banheiros? Os produtos de limpeza utilizados na escola lhe causam irritação? Há comprometimento dos funcionários com a manutenção e organização? Há material de trabalho adequado? Há material de trabalho suficiente?).

A análise estatística considerou como variável dependente a referência de "rouquidão" como presença de alteração vocal e, como variáveis independentes, as características físicas e de organização do ambiente escolar. Para análise estatística utilizou-se o teste de associação pelo qui-quadrado. Foram considerados fatores associados estatisticamente à presença de alteração vocal as variáveis com $p<0,05$.

Resultados

Foram analisados questionários respondidos por 422 professores, sendo a maioria do sexo feminino (92,9%). A idade variou de 24 a 69 anos, com média de 40,5 anos (desvio padrão de 8,83 anos). O tempo de trabalho como professor variou de 2 a 40 anos, com média de 16,0 anos (desvio padrão de 6,9 anos). Mais da metade trabalhava somente na educação infantil (232 professores; 55,0%) e era professor efetivo com único vínculo ou associado a outros (318 professores; 75,4%).

Entre os aspectos do ambiente (tabela 1), foram associações estatisticamente significantes para alteração vocal ser a temperatura ambiente muito fria ou muito quente ($p=0,002$), o tamanho da sala impróprio para a quantidade de alunos ($p=0,004$), a necessidade de realizar esforço físico intenso ($p=0,007$) e de carregar peso com freqüência ($p=0,010$) e a utilização de produtos químicos irritativos na limpeza da escola ($p<0,001$). Entre as variáveis referentes aos aspectos de organização do trabalho (tabela 2), foram significantes considerar o ritmo de trabalho estressante ($p<0,001$), falta de local para descanso ($p=0,023$), não ter facilidade para ausentar-se da sala de aula em caso de necessidade ($p=0,039$), necessidade de complementar ou preparar atividades fora da escola ($p=0,047$) considerar o trabalho repetitivo ($p=0,037$).

Discussão

Em suas respostas, os docentes revelam um ambiente escolar hostil, com presença de fatores desfavoráveis para a saúde geral e vocal. Entretanto, os aspectos negativos do ambiente físico, como acústica, limpeza, iluminação, presença de poeira, entre outros, não se mostram

estatisticamente significantes neste estudo. Apenas a questão da temperatura do ambiente, muito fria ou muito quente, e o tamanho da sala inadequado foram as variáveis relacionadas ao ambiente físico que tiveram associação estatisticamente significante ao desenvolvimento das alterações vocais.

Em relação às variáveis relacionadas à organização do trabalho, a lista é mais extensa, e inclui ritmo de trabalho estressante, falta de local para descanso, dificuldade para ausentar-se da sala de aula em caso de necessidade, necessidade de usar tempo fora do horário de trabalho para preparar atividades e percepção de que o trabalho docente é repetitivo.

Os resultados indicam que adoecimento vocal não está associado diretamente à exposição aos aspectos físico, químico, biológico ou antropométrico do local de trabalho, mas sim, àqueles referentes à organização do trabalho que, segundo Dejours (2000), abrange questões relacionadas à divisão do trabalho, ao conteúdo da tarefa, ao sistema hierárquico, às modalidades de comando, às relações de poder, enfim, às relações interpessoais.

O adoecimento do trabalhador, para o autor, tem origem no confronto do sujeito com a realidade de trabalho encontrada: não importa considerar apenas o trabalho concreto ou sua adequação ao homem, mas sim, o significado da tarefa para quem a executa.

Estudos revelam que, ao início da carreira, os professores manifestam grande expectativa em relação à sua escolha profissional. A falta de recurso, nesse momento, é vivida como incentivo para o crescimento, ainda que se dêem conta das condições precárias do ensino público (Giannini, 2006). Entretanto, à medida que sentem bloqueadas as possibilidades de adaptação entre a ação e a organização do trabalho docente, emerge um sofrimento patogênico: "corpo sem defesa, corpo explorado, corpo explorado pela privação de seu protetor natural, que é o aparelho mental. Corpo doente, portanto, ou que corre o risco de tornar-se doente" (Dejours, 2000, p.19).

Esse sofrimento gera um sentimento de desânimo, muitas vezes mascarado por sintomas diversos, como distúrbios do sono, dores de cabeça, irritabilidade, hipertensão arterial, distúrbios de funcionamento digestivo (Seligmann-Silva, 1993), gerando repercussões na esfera mental do trabalhador, principalmente se intensificados por maior tempo de exposição ou aceleração do ritmo pela organização do trabalho. Assim, o trabalho em ambiente ruidoso, com temperatura elevada ou em contato com substâncias químico-irritativas, demanda maior esforço para concentração de atenção e, portanto, quanto maior a jornada, maior a fadiga.

Frente ao acúmulo de trabalho em condições adversas, o trabalhador procura aumentar sua capacidade de trabalho, buscando em seu repertório novos recursos para enfrentar a situação que se apresenta. Essa auto-exigência acarreta esforço no sentido de manter o controle e não demonstrar cansaço, irritação, raiva, mas nota o aumento da irritabilidade e da frustração por não exercer sua atividade como gostaria (Giannini, 2003).

Codo (2002) acrescenta que "a consciência do risco comparece como fator ansiogênico, o que potencializa o próprio risco" (p.26). No encontro com condições adversas do ambiente, emergem sentimentos de desconsideração, humilhação, desrespeito à atuação profissional aos educadores. Mesmo que notem a precariedade do local de trabalho, sentem-se impotentes para agir.

Gradativamente, o professor abandona a imagem idealizada e subordina-se ao trabalho proposto. Em última instância, o que vai sendo eliminado é o próprio sentido do trabalho para aquele sujeito.

A submissão à organização escolar acrescenta esforço na realização das tarefas. O grau de racionalização do trabalho escolar está diretamente ligado ao controle sobre o trabalho docente, no sentido de que quanto mais complexas forem as formas de organização e administração escolar, maior será a intensificação e menor o tempo para "pensar, programar e planejar" (Hypolito, 1997, p.87), o que pode gerar alienação do professor em relação aos fins da educação.

As condições precárias do ambiente de trabalho provocam tensões no relacionamento interpessoal e envolvem subordinação a uma condição que pode impedir a expressão, estabelecendo um paradoxo entre o conformismo e a resistência: os educadores identificam sua condição precária de trabalho, em que convivem com perigo físico e permanecem submetidas à hierarquia e à pressão, porém, desejam manter seu trabalho letivo de forma criativa e crítica.

O professor que procura o atendimento médico e fonoaudiológico com alterações de voz traz, portanto, um significado simbólico nesse pedido. Há necessidade de que os profissionais de saúde acolham as alterações vocais do professor como resultado do desgaste físico e mental advindo dos enfrentamentos cotidianos, pela forma como cada professor vive as condições do ambiente e da organização de seu trabalho (Giannini, 2003). Este olhar deve nortear as ações preventivas, periciais e de reabilitação. Mais do que propor ações pontuais com foco dirigido para adequação de hábitos vocais, é necessário capacitar os docentes a tornarem-se agentes da sua saúde.

Conclusão

As respostas dos professores revelam que a docência exige uso intenso da voz, além de esforço físico e mental, ao lidarem com muitas crianças em ambientes precários e impróprios. Entretanto, mais do que os aspectos do ambiente físico, são os aspectos de organização de trabalho que se revelam associação estatisticamente significante ao desenvolvimento da alteração vocal.

A temperatura do ambiente, muito fria ou muito quente, e o tamanho da sala inadequado foram as variáveis relacionadas ao ambiente físico que tiveram associação estatisticamente significante ao desenvolvimento das alterações vocais. Em relação às variáveis relacionadas à organização do trabalho, ritmo de trabalho estressante, falta de local para descanso, dificuldade para ausentar-se da sala de aula em caso de necessidade, necessidade de usar tempo fora do horário de trabalho para preparar

atividades e percepção de que o trabalho docente é repetitivo foram associadas estatisticamente às alterações vocais.

Ao oferecer condições para o professor refletir sobre sua saúde relacionando-a com suas condições de vida e trabalho, mais do que tratá-lo, pode-se contribuir para promover a responsabilidade social. Ao assumir uma postura promotora de sua própria saúde, este trabalhador tem condições para agir em sua coletividade, "constituindo-se em ator social no processo de promoção de saúde" (Penteado, 2000, p.112), uma vez que os sinais e sintomas desse profissional advêm do contexto histórico, social e cultural e estão vinculados à sua prática diária.

Tabela 1. Número e porcentagem de professores segundo presença de rouquidão e ambiente físico.

variável	*categoria*	*n (total)*	*rouquidão nº (%)*	*p **	*OR*	***IC$_{95}$%(OR)***
acústica satisfatória	sim	246	72 (29,3)	0,261	1,0	
	não	150	52 (34,7)		1,282	0,831-1,979
local ruidoso	sim	247	88 (35,6)	0,064	1,550	0,973-2,469
	não	133	35 (26,3)		1,0	
poeira	não	101	28 (27,7)	0,398	1,0	
	sim	301	97 (32,2)		1,240	0,753-2,040
fumaça	não	330	96 (29,1)	0,058	1,0	
	sim	66	27 (40,9)		1,687	0,978-2,911
umidade	sim	41	13 (31,7)	0,891	1,050	0,524-2,106
	não	349	107 (30,7)		1,0	
temperatura ambiente	adequada	231	56 (24,2)	**0,002**	1,0	
	muito fria	65	29 (44,6)		2,517	1,418-4,470
	muito	105	39 (37,1)		1,847	1,123-

	quente					3,036
tamanho da sala	sim não	254 156	65 (25,6) 61 (39,1)	**0,004**	1,0 1,867	1,217-2,863
espaço para locomoção	sim não	286 126	83 (29,0) 47 (37,3)	0,096	1,0 1,455	0,935-2,264
móveis adequados para estatura	sim não	320 92	93 (29,1) 36 (39,1)	0,066	1,0 1,569	0,968-2,544
iluminação adeq.	sim não	332 82	102 (30,7) 28 (34,1)	0,550	1,0 1,169	0,700-1,952
limpeza da sala	sim não	273 139	85 (31,1) 44 (31,7)	0,914	1,0 1,024	0,660-1,590
higiene adequada nos banheiros	sim não	287 122	92 (32,1) 35 (28,7)	0,501	1,0 0,853	0,536-1,356
esforço físico	não	348	100 (28,7)	**0,007**	1,0	

intenso	sim	66	30 (45,5)		2,067	1,208-3,537
carregar peso	não	335	95 (28,4)	**0,010**	1,0	
	sim	81	35 (43,2)		1,922	1,166-3,168
utilização de	não	299	81 (27,1)	**<0,001**	1,0	
produtos químicos	sim	107	49 (45,8)		2,274	1,438-3,594

p*: teste de associação pelo qui-quadrado

Tabela 2: Número e porcentagem de professores segundo presença de rouquidão e variáveis organizacionais.

variável	*categoria*	*n (total)*	*rouquidão nº (%)*	*p **	*OR*	***IC$_{95}$% (OR)***
ambiente de trabalho	calmo	60	14 (23,3)	0,127	1,0	
	moderado	243	75 (30,9)		1,467	0,760-2,830
	estressante	113	43 (38,1)		2,018	0,994-4,100
autonomia no plan. disciplina	sim	3957	127 (32,2)	0,841	1,0	
	não		2 (28,6)		0,844	0,162-4,410
fiscalização cte do seu desempenho	não	226	75 (33,2)	0,755	1,0	
	sim	161	51 (31,7)		0,755	0,606-1,438
ritmo de trabalho	lento/moderado	326	88 (27,0)	**<u>≤ 0,001</u>**	1,0	
	estressante	84	44 (52,4)		2,975	1,817-4,871
tempo para atividades	tem tempo	1.6117	43 (26,7)	0,201	1,0	
	não tem tempo e ñ leva para casa		5 (29,4)		1,143	0,381-3,435
	não tem tempo e leva para casa	239	84 (35,1)		1,487	0,959-2,306
local para	sim	205	54 (26,3)	**<u>0,023</u>**	1,0	

descanso	não	204	75 (36,8)		1,626	1,067-2,478
facilidade de ausentar-se da sala	sim não	199 193	52 (26,1) 69 (35,8)	**0,039**	1,0 1,573	1,021-2,423
comprometimento dos funcionários	sim não	277 104	89 (32,1) 32 (30,8)	0,799	1,0 0,939	0,577-1,528
material de trabalho adequado	sim não	239 168	74 (31,0) 53 (31,5)	0,900	1,0 1,028	0,671-1,573
material trabalho suficiente	sim não	178 227	55 (30,9) 71 (31,3)	0,935	1,0 1,018	0,666-1,555
complementar/ prep. atividade fora período	não sim	137 279	34 (24,8) 96 (34,4)	**0,047**	1,0 1,589	1,004-2,517
satisfação	sim não	390 27	122 (31,3) 9 (33,3)	0,824	1,0 1,098	0,480-2,515
trabalho monótono	não sim	402 14	127 (31,6) 3 (21,4)	0,420	1,0 0,59	0,162-

					1	2,154
trabalho **repetitivo**	não sim	357 58	105 (29,4) 25 (43,1)	**0,037**	1,0 1,818	1,031-3,207

p *: teste de associação pelo qui-quadrado

Referências bibliográficas

Bruneto B, Oyarzún R, Mella L, Avila S. Mitos Y Realidades de la Disfonia Profissional. Otorrinolaringol 46:115-20, 1986.

Callas M, Verhulst J, Lecoq M, Dalleas B, Seilhean M. La Pathology. Vocale Chez L'ensignant. Revue de Laryngologie 110 (4): 397-406, 1989.

Codo W. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Rio de Janeiro: Vozes; 1999.

Dejours C. A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. 5.ed. São Paulo: Cortez-Oboré; 2000.

Dragone ML. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. Fonoaudiologia Brasil, 1(1): 43-50, 2001.

Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, et al. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. Distúr Comun 2003;14(2):275-308.

Garcia, Torres e Shasat, 1986

Giannini SPP, Passos MC. Histórias que fazem sentidos: as determinações das alterações vocais do professor. Distúrb Comum. 2006;18(2):245-57.

Giannini SPP. Histórias que fazem sentidos: as sobredeterminações das alterações vocais do professor [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2003.

Hypolito AM. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. Campinas, SP: Papirus; 1997.

Masuda T, Ikeda Y, Manako H, Komiyama S. Analysis of Vocal Abuse: Fluctuations in Phonathion Time and Intensity in 4 Groups of Speakers. Acta Otolaryngol (Stockh) 113: 547- 52, 1993.

Oliveira IB. Desempenho vocal do professor: avaliação multidimentsional [tese]. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1999.

Oyarzún R, Bruneto B, Mella L, Avila S. Disfonia em Professores. Rev torrinolaringol 44:12-8. 1984;

Penteado RZ. Aspectos de qualidade de vida e de subjetividade na promoção da saúde vocal do professor. [Tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2003.

Pereira MJ, Santos TMM e Viola IC. Influência do nível de ruído em sala de aula sobre a *performance* vocal do professor. In: XV Encontro Internacional de Audiologia, 1996. Bauru. Anais. 1996, p.132.

Rodrigues S, Azevedo R e Behlau M. Considerações sobre a voz falada. In: MARCHESAN, IQ; ZORZI, J L E GOMES, L C D (org) Tópicos em Fonoaudiologia. São Paulo: Lovise, 1996, p.701-711.

Roy N, Merrill RM, Thibeault S, Gray SD, Smith EM. Voice disorders in teachers and the general population: effects on work performance, attendance, and future career choices. J. Speech Lang. Hear. Res. 2004;47:542-51.

Sarfati, J Réadaptation Vocale des Enseignants. Revue de Laryngologie 110 (4): 393- 5,1989.

Seligmann-Silva E. Uma história de "crise de nervos": saúde mental e trabalho. In: Rocha LE, Rigotto RM, Buschinelli JTP, organizadores. Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalho no Brasil. São Paulo: Vozes; 1993. p.609-35.

Servilha EAM Consciência vocal em docentes universitários. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. Barueri: 1997. V. 9, nº. 2: p. 53-61.

Simões M, Latorre MRDO Alteração vocal em professores: uma revisão. Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 3, n. 11, p.127-134, 2002.

Simões M, Latorre MRDO. Alteração vocal em professores: uma revisão. J. Brasileiro de Fonoaudiologia 2002. 3(11), p.127-134

Simões, M Histórico da produção científica de fonoaudiólogos brasileiros sobre o uso da voz nessa categoria profissional. In: Ferreira LP e Oliveira SMRP Voz profissional: Produção Científica da Fonoaudiologia Brasileira. 1ª edição. São Paulo: SBFa., 2004, p.1-9.

Smith E, Gray SD, Dove H, Kirchner L, Heras H. Frequency and Effects of Teachers' Voice Problems. J Voice 11(1):81-7. 1997;

Thomé-de-Souza TM, Ferreira LP Caracterização vocal de professores do município de São Paulo – DREM 5. In: Voz ativa: falando sobre o profissional da voz. Ferreira LP e Costa HO. São Paulo: Roca, 2000a. p.145-162.

Viola IC, Ferreira LP, Sene CD, Villas-Boas DC e Sousa SM A voz do professor: levantamento das publicações brasileiras. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. São Paulo: dez, 2000; ano 5, n. 7, p. 36-47.

Vilkman, E. Occupational safety and health aspects of voice and speech professions. Folia Phoniatr et Logop. 2004; 56:4.